

Poison and Light

Poison and Light

Edição Especial
1 ano

Helena Colaço

Autor: Helena Colaço
Design da capa: Helena Colaço
Original ISBN: 9789403856247
© HelenaColaço2026
Publicado por: Bookmundo

Nenhuma floresta é atravessada sozinha, especialmente aquelas que plantamos dentro de nós com sementes da dúvida.

Agradeço aos meus guias, que não me deixaram perder no caminho entre o mundo real e o império que construí nestas páginas. A tua paciência foi a magia mais poderosa que encontrei.

Para aqueles que leram os primeiros rascunhos e viram a verdade nas mentiras que a ficção conta. Ajudaste-me a lembrar que, tal como o Vic, também podia reclamar o que era meu.

Este livro é para sonhadores que já estiveram sem dinheiro. As tuas cicatrizes são apenas o sítio onde a luz entra.

Índice

Capítulo 1 – A Revolta	11
Capítulo 2 - O inimigo está no meio de nós.	25
Capítulo 3 – A minha <i>Oath</i> é à Coroa.	31
Capítulo 4 – Benvinda à <i>Madhouse</i>	41
Capítulo 5 – Os dois Lados da História.....	62
Capítulo 6 – A Queda da Coroa	77
Capítulo 7 – Wiphoz Apagado.....	89
Capítulo 8 – Encontro Embaraçoso	112
Capítulo 9 – A Revolta entre o Bem e o Mal.....	132
Capítulo 10 – Duas pessoas ou um corpo e duas almas?	156
Capítulo 11 – Da decadência à Esperança.....	174
Capítulo 12 – Cara a Cara.....	192
Capítulo 13 - Ouros, O começo do Fim	216
Capítulo 14 - Um céu cheio...de Amor e Paz.	246
Epílogo... Mas o que aconteceu a Vic?	260

Prefácio

As palavras podem ser veneno. Podem infiltrar-se na alma como um veneno silencioso, destruindo a confiança e transformando as nossas próprias mentes numa prisão.

Há uma espécie de escuridão que não vem das sombras do mundo, mas dos sussurros que se tornam grilhões, das dúvidas que outros semeiam e que nós, em momentos de vulnerabilidade, regamos com as nossas próprias lágrimas. Este livro nasceu dessa escuridão.

Para ti, que uma vez me disseste que eu não conseguia, que os meus sonhos eram grandes demais e a minha força demasiado pequena. Por ti, que plantaste a semente da incerteza e esperaste, talvez, para me ver desistir. Cada dúvida que semeaste em mim foi o combustível que alimentou a minha teimosia. Sempre que me dizias 'não', uma voz dentro de mim gritava: 'Então vê-me.'

Para ti, que contempleste a minha escuridão, os meus dias cinzentos e a minha luta silenciosa, e em vez de me ofereceres a mão, duvidaste que a luz pudesse nascer. A tua descrença foi o desafio mais difícil, a batalha mais íntima que travei longe dos olhos do mundo.

Hoje, tens nas tuas mãos a prova do teu fracasso e da minha vitória. *Poison and Light* não é apenas uma história de fantasia sobre guerreiros, magia e reinos caídos. Reflete a minha própria jornada.

Cada batalha que Ravenna travava contra a sua identidade sombria como *Poisoned Oath* era uma batalha que eu lutava contra os fantasmas que me assombravam. A sua luta para encontrar a luz dentro do veneno era a minha luta para encontrar propósito no meio da dor. Cada palavra escrita era um passo para fora do abismo. Cada capítulo concluído era uma barreira quebrada.

A criação deste universo não foi uma fuga à minha realidade; foi a forja onde transformei a minha dor em poder, o meu isolamento em personagens e o meu desespero numa saga de redenção.

Portanto, ao virar esta página, não está apenas a entrar num mundo de fantasia. Estás a testemunhar o resultado de uma promessa que fiz a mim mesmo: que a minha história não acabaria na escuridão que outros tentaram impor-me.

Que a jornada de Ravenna sirva de farol para todos aqueles que alguma vez se sentiram quebrados, desacreditados ou perdidos nas suas próprias sombras. Que lhes lembre que até a escuridão mais profunda pode ser o berço da luz mais brilhante.

E a ti, que duidavas, o meu sincero agradecimento.

Foste o veneno que me obrigou a criar a minha própria luz.

Capítulo 1 – A Revolta

Ninguém poderia prever que um vírus zombie emergiria, destruindo tudo e todos que conheciam. Ravenna acordou sozinha, cercada pelo desconhecido. "*O que aconteceu? Onde estão os meus pais? Meus irmãos estão bem?*", perguntava-se em pânico. Um soldado ao seu lado tentou acalmá-la, garantindo que explicaria tudo no momento certo. Mal sabia ela que já havia sido recrutada para combater pelo reino.

O Rei Abyls a tinha notado há tempos. Uma jovem adulta solteira, vivendo com os pais e os irmãos, chamava atenção, especialmente porque seu irmão mais velho, Patrick, já fazia parte da armada real. Sempre que ele visitava a casa, Ravenna e sua irmã Liora treinavam com ele, aprendendo a se defender. Mas havia algo peculiar em Ravenna, seus pais a escondiam do mundo, diferente dos outros irmãos em cor de pele, estrutura... e temperamento. Apenas no dia em que completou 21 anos, começou a entender o motivo.

O pai de Ravenna, um caçador respeitado na vila, sustentava a família com a caça e o pequeno comércio que possuía. Sua mãe cuidava da casa e da horta. Certa manhã, ao fazer sua caminhada diária pelo vale, próximo à orla da floresta, ouviu o que parecia o choro de um bebê. "*Honestamente, estou a ficar maluco. Preciso mesmo descansar*", pensou, ignorando o som e continuando seu percurso até à zona de caça.

A floresta sempre teve suas lendas e mistérios. Sussurrava-se que as plantas ganhavam vida à noite, que as árvores chicoteavam quem entrasse sem boas intenções. Mas ele não acreditava nessas histórias. Apenas precisava de carne para alimentar sua família. No entanto, naquele dia, o silêncio era diferente. Enquanto se abaixava para procurar pegadas de veado, ouviu um som semelhante a um guizo. Seu corpo enrijeceu, a mão apertando a arma.

"*Quem está aí?*", perguntou, sentindo um puxão em seus cabelos. Girou sobre os calcanhares, arma pronta para disparar. Um riso abafado ecoou em seu ouvido esquerdo e, ao se virar, viu um ponto brilhante, quase o cegando. "*Quem és tu? O que pretendes?*", exigiu saber. O brilho afastou-se, deixando para trás um rastro de luz azul no chão, como um fio de um novelo mágico a desenrolar-se.

Um medo primitivo tomou conta dele, mas algo dentro de si o obrigava a seguir aquele rastro. Engoliu em seco e avançou, adentrando ainda mais na floresta sombria. "*Está a escurecer... devo estar a alucinar, de certeza*", sussurrou para si mesmo.

A luz guiou-o até um berço feito de ramos e folhas, onde repousava uma bebé de olhos verdes brilhantes e cabelo negro. Um sentimento

estranho envolveu-o, como se estivesse destinado a encontrar aquela criança. Com cuidado, pegou-a nos braços e, no mesmo instante, a floresta sussurrou no seu ouvido: "*A escolhida*".

Ao retornar a casa, foi recebido com espanto por sua esposa. Nos braços, ele carregava a bebê desconhecida. Patrick, ainda pequeno, e a pequena Liora, ainda no ventre da mãe, não podiam compreender a importância daquele momento. Ravenna, já muito mais animada, observava a cena com curiosidade.

Momentos antes de Liora nascer, algo extraordinário aconteceu. Sua irmã recém-chegada, ainda na inocência de sua jovem magia, tocou o rosto da mãe, fazendo seu corpo ser percorrido por um brilho verde tenebroso. A mãe de Ravenna entrou em trabalho de parto imediatamente, enquanto o pai entregava a bebê misteriosa a Patrick e corria para assistir a sua esposa.

Quando Liora finalmente nasceu, todos perceberam uma marca singular: um chicote verde-escuro desenhado em seu braço, e um brilho prateado cintilava em seus olhos azuis. Aquilo era um sinal, um elo inquebrável entre ela e Ravenna.

Temendo o que a verdade poderia causar, os pais decidiram apresentar as meninas à vila como gêmeas. Prometeram jamais contar a Ravenna como ela realmente havia chegado à família, selando para sempre o segredo de sua origem. No dia em que Ravenna completou 21 anos, estava a brincar com os irmãos num treinamento de lutas no prado. Seus golpes eram ágeis, sua energia incansável. No meio da diversão, a mãe chamou-os para o jantar. Incomodada por ser interrompida, Ravenna revirou os olhos, e naquele instante, uma onda de energia percorreu seu corpo, os olhos brilharam num intenso tom de verde, como duas esmeraldas reluzentes.

Sua mãe, que carregava um cesto de verduras, soltou-o no chão, os olhos arregalados de surpresa e medo. Ravenna sentiu o coração disparar. *O que foi isto?*, pensou, assustada. Sem saber como reagir, fugiu, correndo pelo prado sem olhar para trás. Seus pés a levaram até à floresta, para o local mais sombrio e misterioso que desconhecia: o mesmo lugar onde seu pai a havia encontrado anos atrás.

O pai, aflito, correu atrás dela, chamando-a pelo nome.

— Ravenna! Espere, minha filha!

Ela estava encolhida entre as árvores antigas, os olhos ainda brilhando fracamente. O homem se aproximou com cautela e ajoelhou-se ao lado dela.

— Minha querida... eu sabia que esse dia chegaria — disse ele com a voz gentil, acariciando o rosto da filha.

Ravenna olhou para ele, os olhos em lágrimas.

— O que está a acontecer comigo, pai? Eu... eu fiz alguma coisa estranha. A Mãe olhou-me como se eu fosse um monstro.

O homem suspirou profundamente, segurando as mãos da filha.

— Você nunca foi um monstro, Ravenna. Você é especial. Há algo que eu preciso te contar... algo que escondemos de ti por muitos anos.

Ela franziu a testa, seu coração acelerando.

— O quê?

Ele olhou ao redor, como se procurasse coragem na própria floresta.

— Foi aqui que te encontrei. Eu não sou seu pai de sangue. Eu encontrei-te aqui quando ainda eras um bebê, envolta em ramos e folhas, banhada por uma luz misteriosa. A floresta sussurrou para mim naquele dia: "A escolhida". Eu sabia que tinha de te levar para casa.

Ravenna sentiu o chão sumir sob seus pés.

— Então... eu não sou quem eu pensei que era? Eu sou... o quê?

O pai apertou sua mão com força.

— Você sempre foi minha filha. Sangue ou não, eu amei-te desde o momento em que te segurei nos braços. Mas sim, há algo dentro de você... algo que ninguém compreende completamente. E agora, parece que esse poder finalmente despertou.

O silêncio se estendeu entre eles, apenas o sussurro das árvores preenchendo o vazio. Ravenna olhou para suas mãos, sentindo uma energia pulsar em sua pele.

Em casa, Liora sentiu um gênero de queimadura intensa na marca em seu pulso. Ela ofegou e segurou o braço, os olhos arregalados.

— Mãe... algo está errado com Ravenna. Eu sinto!

A mãe olhou para a filha, preocupada.

— O que estás a sentir, minha filha?

Liora hesitou.

— É... é como se minha marca estivesse a queimar. Como se algo nela estivesse a despertar. Eu estou preocupada com a Ravenna, algo aconteceu!

Patrick aproximou-se e colocou uma mão reconfortante no ombro da irmã.

— Ravenna sabe se cuidar. O pai foi atrás dela, tenho certeza de que ele a trará de volta.

Mas Liora não se acalmava.

— Não, Patrick, eu sei que queres me tranquilizar, mas isto é diferente. Algo realmente mudou... e não sei se temos tempo para esperar.

De repente, Ravenna sentiu algo diferente. A floresta parecia chamá-la. Sentia as raízes se contorcendo sob seus pés, o farfalhar

das folhas a ecoar como um sussurro em sua mente. Seu corpo tremia, não de medo, mas de algo primário e desconhecido.

— Pai... eu... estou a ouvir... — A sua voz saiu trêmula, enquanto sentia sua pele formigar.

O vento ficou mais forte, e ela curvou-se, segurando a cabeça. Cada criatura da floresta parecia estar conectada a ela. Podia sentir o bater de asas dos corvos, o rastejar dos insetos, o pulsar da seiva dentro das árvores. O chamamento da floresta era irresistível.

— Ravenna, ouve-me! Respira! — o pai pediu, mas ela não conseguia mais ouvi-lo.

Um brilho esverdeado emanava de seu corpo, subindo em rajadas pelo ar, misturando-se à escuridão da noite.

— Filha, afaste-se, não deixe isso te consumir!

Ravenna arregalou os olhos, sentindo a energia se expandir para muito além do próprio corpo. Seus pés mal tocavam o chão. O tempo parecia dilatar-se ao seu redor, cada batida do coração era um trovão no silêncio da floresta.

— Eu... não consigo... — sussurrou, os lábios mal se movendo.

O poder não apenas escapava; ele surgia, vindo de dentro, como uma tempestade adormecida que enfim despertava. Uma força selvagem, indomável, antiga. Ela tremia, não de frio, mas de algo primordial: a mistura inebriante de medo e êxtase.

Fechou os olhos com força, tentando conter o turbilhão que girava dentro de si. Seus cabelos flutuavam, e o chão ao redor começou a rachar suavemente, como se a própria terra não aguentasse sua presença. Mas então, algo... algo a tocou.

Foi o som da voz de seu pai, trêmula, porém firme. Ele não havia recuado. Estava ali, a poucos passos, com os olhos em lágrimas e o coração despedaçado.

— Ravenna, por favor...

Essa simples súplica rompeu a barreira que o poder criara. A luz esverdeada hesitou, pulsou mais uma vez... e aos poucos começou a se dissolver, como fumaça levada pelo vento. O brilho recuou para dentro dela, e com ele, a floresta voltou a respirar. Ravenna caiu de joelhos, exausta, arfando. Suas mãos tremiam, mas estavam novamente visíveis, humanas. O pai correu até ela, hesitante no primeiro momento, mas logo a envolveu num abraço. O calor do contato fez com que ela desabasse de vez, soluçando silenciosamente contra o peito dele.

O caminho de volta para casa foi silencioso, exceto pelo som dos passos sobre as folhas húmidas. A floresta, agora quieta, parecia observar, não com hostilidade, mas com uma atenção profunda, quase respeitosa. O ar estava carregado, denso com o que havia

acontecido, como se o mundo estivesse se ajustando ao que Ravenna se tornara.

Quando chegaram, a casa parecia menor, mais frágil, como se a alma dela não coubesse mais ali. Sua mãe os esperava na varanda, os olhos arregalados ao ver a filha. Ela hesitou ao se aproximar, tocando brevemente o ombro da menina antes de recuar, como se a pele de Ravenna queimasse.

Patrick, parado atrás da porta, desviou o olhar. Não era medo, exatamente. Era algo mais complexo, talvez luto por uma irmã que ele acreditava conhecer.

Apenas Liora correu até Ravenna e a abraçou sem pensar duas vezes. O brilho na marca que ambas carregavam cintilou por um instante, revelando uma ligação que transcendia o entendimento da família

Certa noite, incapaz de dormir, Ravenna sentiu o chamar ecoando em sua mente. Era a floresta, sussurrando seu nome, convocando-a para algo maior. Ela levantou-se silenciosamente e saiu de casa, seguindo a trilha de energia que pulsava no seu peito. Os seus passos a levaram até à clareira onde fora encontrada anos atrás. O vento uivava entre as árvores, e a luz da lua parecia mais intensa do que nunca.

De repente, uma presença se revelou diante dela. Uma mulher de olhos prateados e vestes negras, emanando uma aura sombria e ao mesmo tempo encantadora.

— Você finalmente despertou, criança da floresta — disse a mulher, sua voz soava como um eco distante.

Ravenna sentiu um arrepio percorrer sua espinha.

— Quem é você? Por que me chamou?

— Eu sou aquela que guarda os segredos antigos, e você é parte desse destino. Sua alma carrega um fardo que apenas os escolhidos podem suportar. Você foi encontrada nesta floresta por um motivo. Está pronta para conhecer a verdade?

Confusa, mas sentindo uma força maior guiar as suas ações, Ravenna assentiu. A mulher estendeu a mão, e um brilho verde serpenteou ao redor do corpo de Ravenna. Imagens começaram a surgir em sua mente: visões de um passado desconhecido, de uma linhagem antiga que se entrelaçava com a própria essência da floresta. Ela viu sombras a emergir da terra, batalhas sendo travadas, e um nome a ser sussurrado entre os galhos: *PoisonedOath*.

Seu coração acelerou.

— O que significa esse nome?

A mulher sorriu enigmaticamente.

— Significa aquele que sela um juramento envenenado. Você é a herdeira de um poder que pode curar ou destruir. Precisa escolher quem deseja ser.

Ravenna sentiu o peso da decisão recair sobre si. Seu passado, sua família, tudo o que conhecia estava prestes a mudar. Ela fechou os olhos e, ao reabri-los, uma nova determinação brilhava em suas íris verde-esmeralda. Não era mais apenas Ravenna. Era alguém destinada a algo muito maior. Era *PoisonedOath*.

A mulher misteriosa desapareceu, deixando apenas a sensação de um pacto selado. Quando Ravenna retornou para casa, algo nela estava diferente. Seu olhar, sua postura, a aura ao seu redor. Ela sabia que o caminho à frente seria difícil, mas estava pronta para enfrentá-lo. A transformação estava completa.

Durante a madrugada, Ravenna caminhava silenciosamente pela vila, seu destino quase que traçado. No entanto, antes que pudesse sair sem ser notada, ouviu passos pesados se aproximando. Virou-se e encontrou Patrick parado diante dela, os braços cruzados, e um olhar desconfiado.

— O que estás a fazer aqui fora a essa hora, Rav? — ele perguntou, a voz carregada de preocupação.

Ela respirou fundo.

— Eu não sou apenas a Ravenna, Patrick. Descobri quem sou de verdade e preciso partir. Meu destino está na Academia.

Ele franziu a sobrancelha.

— Academia? Nenhuma mulher do nosso estatuto entrou lá. E tu sabes disso. O que aconteceu contigo para tomares esta decisão de repente?

Rav sustentou o olhar do irmão.

— Eu fui chamada. Existe algo dentro de mim... um poder que não consigo ignorar. Se eu ficar, posso colocar todos em perigo. Eu preciso entender o que sou e como controlar isso.

Patrick hesitou.

— E se isso for uma armadilha? Se essa força te consumir?

Ela sorriu levemente, mas havia um peso na sua expressão.

— Se eu não for, a incerteza pode me consumir ainda mais. Sei que parece uma loucura, mas esse caminho é meu. Eu sempre senti que não pertencia completamente a este lugar... agora sei o porquê.

O irmão suspirou, esfregando o rosto com as mãos.

— E como pretendes entrar na Academia? Eles não vão simplesmente te aceitar porque tu queres.

Ela ergueu a cabeça, determinada.

— O rei está de olho em mim há anos. Ele sabe do que sou capaz. Ele aceitará. E se não aceitar... eu forçarei meu caminho.

Patrick observou a irmã por um longo momento, então deu um passo à frente e segurou seus ombros.

— Se for realmente isso que desejas, então vai. Mas promete-me que vais ter cuidado. Que não vais perder-te nesse poder.

Ela segurou a mão do irmão por um instante.

— Eu prometo.

Ele assentiu, apertando os lábios.

— Então vai. Mas nota, se precisares de mim, estarei sempre aqui.

Ela sorriu, sentindo uma pontada de dor por deixá-lo para trás, mas ao mesmo tempo, sabia que não havia outro caminho.

O impacto foi repentino, como um trovão divino a quebrar a paz de um mundo que até então parecia intacto. A separação entre Rav e Patrick foi o pavio, a faísca que incendiou algo muito mais profundo do que uma simples quebra de contato entre duas almas. O som que ecoou, quase sobrenatural na sua intensidade, parecia o rugido de uma besta ancestral a acordar de um longo sono. Era como se a própria terra, frágil e vulnerável, tivesse reagido à separação, reagido à rutura, e o chão tremeu com fúria.

Era um estrondo colossal. O tipo de som que faz os corações pararem, a terra se agitar e os prédios, que antes estavam firmemente enraizados no solo, começarem a rachar. Os alicerces cederam, como se o próprio tecido da realidade estivesse a ser rasgado. O barulho foi tão ensurdecador que fez os ouvidos de Rav zumbirem, e ela viu-se incapaz de compreender completamente o que estava a acontecer à sua volta. O caos tomou conta da cidade, desintegrando qualquer traço de ordem que houvesse.

As ruas, que antes eram movimentadas com o som do comércio e a vida cotidiana, agora estavam dominadas por gritos de pânico. As bancadas dos vendedores de rua desabaram com uma força brutal, espalhando mercadorias e produtos em todas as direções, criando uma tempestade de cacos de vidro, tecidos rasgados e metal retorcido. Coches e carruagens tombaram, esmagando tudo no seu caminho. As pessoas, apavoradas, corriam sem direção, esbarrando umas nas outras, tropeçando nos escombros, sem saber para onde ir. A cidade parecia estar em colapso. Em um piscar de olhos, tudo o que havia sido construído com tanto esforço foi engolido pela destruição, como se a própria cidade fosse uma vítima de um castigo divino, ou pior, de algo ainda mais sombrio.

Rav, com o coração batendo descontroladamente em seu peito, olhou ao redor, tentando entender o que estava a acontecer. O ar estava denso, carregado com um tipo de energia elétrica que fazia os cabelos de sua nuca arrepiar. Ela olhou para o céu, e o que viu a deixou paralisada de terror. Bandos de pássaros, antes tranquilos, começaram a voar em uma direção única, uma massa negra no

horizonte que se movia para o norte, como se estivessem fugindo de algo que os fazia tremer. Mas não era apenas isso.

O sol, que até então brilhava, com sua luz quente e reconfortante, foi de repente engolido por uma nuvem negra que surgiu do nada. A escuridão tomou conta do céu de forma aterradora, cobrindo a cidade numa sombra pesada, densa e opressiva. O mundo ao redor de Rav escureceu de forma implacável, como se a luz do sol fosse uma relíquia distante, um conceito antiquado. Ela não podia mais sentir o calor no rosto, e o ar se tornava cada vez mais frio e carregado de uma energia que ela não conseguia entender.

E então, a tempestade chegou. Não era uma chuva comum, mas uma fúria cósmica, uma tempestade que parecia ter sido conjurada pelos próprios deuses em resposta à cataclísmica revelação. Raios verdes, vibrantes e ameaçadores, cortavam o céu, iluminando a cidade com flashes quase cegante. Os raios não eram comuns, com sua cor estranha e doentia; pareciam mais como sentenças de morte, atravessando as nuvens negras e atingindo a terra com uma precisão quase maliciosa. Cada impacto parecia mais uma promessa de destruição. As ruas, já em colapso, estavam agora sendo consumidas por esses raios verdes, que faziam os prédios explodirem em chamas ou se desintegrarem em pedaços de pedra e madeira. O som dos trovões que acompanhavam esses raios era terrível, um rugido retumbante que ecoava pelo ar, amplificando a sensação de terror e caos que se espalhava por todos os cantos da cidade.

As pessoas entraram em pânico total. Não havia mais controle, nem razão, nem ordem. Somente o medo, que dominava todos. Gritos de desespero preenchiam o ar, misturando-se com o som de portas a bater, janelas a partir e o som do caos descontrolado a tomar conta de cada rua e cada esquina. Rav, com o corpo trêmulo de medo, tentava encontrar uma saída, mas ela estava perdida. Não havia para onde correr. A cidade estava sendo engolida por uma força que parecia vir de além da própria realidade.

Com o coração apertado e os olhos tentando localizar Patrick entre a multidão desesperada, Rav começou a perceber que ele havia desaparecido. Ela tenta correr pelas ruas, saltando sobre escombros, passando por pessoas caídas, por aqueles que se arrastavam pelo chão, tentando escapar da tempestade que parecia consumir tudo. O pânico no seu peito aumentava a cada segundo que passava. Onde ele estava? O que aconteceu com ele? Ela sentia uma dor no peito, uma sensação de perda profunda, como se algo dentro dela tivesse se quebrado. Foi então que a verdadeira dor chegou. Uma dor alucinante, que tomou conta da sua cabeça, como se alguém estivesse a esmagar as suas têmporas com uma força

inumana. Rav se curvou para frente, segurando sua cabeça com as mãos, a lutar para manter o equilíbrio, mas a dor era insuportável. Ela fechou os olhos, gritou de dor, tentando resistir, mas não podia escapar à intensidade da dor. Era como se o próprio universo estivesse tentando lhe arrancar a alma.

E então, no meio da dor, ela ouviu uma risada. Um riso baixo, suave, mas cheio de malícia. Era uma risada que fazia os pelos de sua pele se arrepiarem. Ela levantou os olhos, e a presença da mulher da floresta se materializou diante dela. Sua silhueta era escura, quase etérea, como uma sombra que se projetava para fora da realidade. Os olhos da mulher brilhavam com uma luz vermelha intensa, como se sua essência fosse pura maldade, pura corrupção.

— Tu ainda não entendeste, Rav — a voz da mulher soou como um sussurro gelado que se infiltrava na sua mente. — Tu achas que podes fugir do teu destino? Fugir da tua origem? A tua lealdade está aqui em questão. Tu nunca mais serás livre. Estarás para sempre acorrentada àquilo que tentas escapar.

Rav lutava contra as palavras que a mulher lançava sobre ela, mas a dor na sua cabeça só aumentava. Cada palavra era uma facada, uma lâmina cortante que penetrava na sua mente e a deixava sem forças. Ela tentava resistir, mas a presença da mulher, com sua voz insidiosa e cheia de desprezo, parecia minar toda a sua vontade. Rav sabia que estava à beira de uma revelação sombria, mas ela não queria ouvir. Não queria que aquilo fosse verdade.

A mulher da floresta se aproximou, seu riso aumentando em intensidade, e Rav sentiu como se estivesse prestes a ser engolida por aquela escuridão. O mundo ao seu redor desmoronava, e o peso da verdade ameaçava esmagá-la. Ela tinha sido testada, seu espírito desafiado, e a resposta estava mais próxima do que ela imaginava. A cidade desabando ao seu redor era apenas o reflexo de algo muito maior, e enquanto ela tentava encontrar forças para resistir, o caos ao seu redor... se intensificava, e a mulher da floresta, com seu sorriso maligno, continuava a questioná-la, a empurrá-la para um abismo que Rav não sabia como escapar.

O estrondo ainda ecoava nos ouvidos de Rav enquanto ela se mantinha firme, encarando a mulher da floresta. A destruição era palpável, mas ela não vacilou. Seu coração pulsava com fúria e determinação.

— Você pensa que pode me dobrar? Que podes me arrastar para a sua Escuridão? — A sua voz ecoou, ressoando entre os estilhaços da cidade em colapso. — Eu não sucumbirei à sua vontade. Eu lutarei contra ela!

A mulher da floresta esboçou um sorriso perverso, seus olhos brilhando em um vermelho profundo.

— Ah, minha querida... tu não entendes. A escuridão é parte de ti. Não se pode lutar contra o que se é.

Antes que pudesse responder, a mulher ergueu as mãos ao céu e murmurou palavras em uma língua esquecida. O ar ficou pesado, um frio cortante tomou conta do ambiente e, então, um véu escuro se espalhou como uma onda, cobrindo a cidade inteira.

— Então que a tua negação seja a ruína do que tu amas! — vociferou a mulher. — Que esta terra apodreça, que os mortos se levantem, que os vivos pereçam! Até que compreendas o verdadeiro significado da tua herança!

O chão se abriu com um tremor sobrenatural. Mãos cadavéricas emergiram da terra, corpos sem vida se ergueram com olhos vazios e famintos. Os gritos de terror da população aumentaram enquanto os zumbis marchavam, arrastando-se entre os escombros da cidade destruída. A praga zombie havia começado.

Rav, em um instinto imediato, conjura o seu chicote luminoso e correu em direção à mulher da floresta. Ela não podia permitir aquilo. Com um salto, ergueu a arma e desferiu um golpe certo, mas antes que pudesse atingir seu alvo, sentiu um impacto avassalador a lançando para trás. Alguém a afastou no último instante.

O mundo girou e, antes que ela pudesse compreender o que acontecera, viu a figura da mulher da floresta se dissolvendo em um redemoinho de sombras. Seu grito era ensurdecedor, reverberando pelo ar como uma maldição final.

Ravenna sentiu um estalo em sua mente. Uma dor itinerante explodiu dentro de seu crânio, como se estivesse sendo partida em mil pedaços. Ela tentou resistir, tentou manter-se consciente, mas o mundo escureceu.

Ela acordou com um sobressalto.

A luz fria do hospital ofuscou seus olhos por um momento. O teto branco e as paredes limpas não combinavam com a cena de destruição que ela vira antes de desmaiar. Sua respiração estava acelerada, seu corpo coberto de suor frio.

Os sons de alvoroço ecoavam pelos corredores. Médicos e enfermeiros corriam de um lado para o outro, os seus rostos tomados pela urgência da situação. O hospital inteiro estava em completo caos. Gritos vinham de diferentes direções, pessoas pedindo ajuda, algumas soluçando. Era como se o inferno tivesse subido à Terra. Ela tentou se levantar, mas uma dor lancinante percorreu seu corpo, a forçá-la a permanecer deitada. Sua cabeça latejava, e sua mente ainda estava nebulosa, confusa.

Foi então que notou a presença ao seu lado.

Um homem de armadura ornamentada a observava atentamente. Ele parecia um soldado, mas não um qualquer. Sua postura firme, seu olhar calculista e a insígnia real em seu peito indicavam que era alguém de alta patente.

— General... — ela murmurou, sua voz rouca.

Antes que pudesse perguntar algo, percebeu que sua porta estava cercada por soldados da Armada Real. O clima na sala era tenso, como se algo muito maior estivesse acontecendo. A ansiedade apertou seu peito.

— Meu irmão! — exclamou, tentando se levantar novamente. — Patrick! Minha irmã Liora! Onde eles estão? Eles estão bem?!

O General deu um passo à frente, numa expressão séria, sem um traço de compaixão nos seus olhos. Ele colocou uma mão firme sobre o ombro de Rav, incentivando-a a se acalmar.

— Recupere-se primeiro — ele disse num tom grave, sem qualquer gentileza. — Tudo será explicado no momento certo. O Rei aguarda por ti.

Rav sentiu seu coração a apertar ainda mais. O que havia acontecido desde que desmaiara? O que significava aquela praga? Como estava a sua família? Ela sentia um vazio enorme, um medo crescente.

Quando Ravenna finalmente se levantou e foi conduzida até o castelo, encontrou-se numa imensa sala de reuniões. Uma grande mesa oval dominava o centro, cercada por Lordes, Conselheiros, Comandantes da Armada Real e mulheres respeitadas na guerra. O ar estava pesado, carregado de tensão e expectativa.

No trono à cabeceira da mesa, Rei Abyls observava-a com um olhar ponderado. Era um homem de postura imponente, olhos marcados pela sabedoria e preocupação. Seu reinado sempre foi pautado pela paz e proteção, mas ele sabia das trevas que espreitavam o reino. Ele sabia sobre a maldição de PoisonedOath, mas não esperava que ela desafiasse seu destino.

Ao lado do rei, seu vice, Mack, mantinha uma expressão rígida, mas havia um brilho frio e calculista nos seus olhos. Ele não estava de acordo com os planos do rei e, nas sombras, conspirava para derrubá-lo. Lorde Farkas, um dos mais respeitados dentro do reino, dono de muitos territórios, mantinha a postura ereta e firme. Diferente de Mack, ele via a chegada de Ravenna com esperança, acreditando que ela poderia ser a chave para salvar tudo e todos.

Ela respirou fundo antes de falar.

— Majestade, senhores, estou aqui. O que desejam de mim?

Rei Abyls inclinou-se para frente.

— Minha jovem, o que aconteceu na cidade não foi um evento isolado. A praga de zombies está a espalhar-se, e precisamos de uma

resposta rápida. Você... você pode ser a única capaz de impedir essa catástrofe.

— Eu?! Mas como? — Rav franziu a sobancelha. — Eu não sei o que essa mulher fez comigo. Não sei por que fui a escolhida para carregar essa tal maldição antiga.

Mack cruzou os braços.

— E se ela for a causa do problema? — disse com desdém. — E se essa miúda for um perigo maior do que a solução?

Lorde Farkas interveio.

— Ela enfrentou a mulher da floresta quando ninguém mais teve coragem. Está disposta a lutar. Isso já diz muito.

O salão se encheu de murmúrios. O destino do reino agora girava em torno de Dela, e a decisão que tomassem ali mudaria tudo. PoisonedOath, agora apenas Rav, mantinha-se de pé ao fundo da sala, seu coração martelando contra o peito. As lembranças da batalha e da praga zombie que assolava o reino ainda estavam frescas em sua mente. Ela sabia que aquele momento decidiria seu destino.

Lorde Farkas foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Acredito que temos uma única solução: um treinamento intensivo para Rav. A Academia pode orientá-la, ajudá-la a compreender suas habilidades. Mas não apenas isso... temos o Mago, que poderá guiá-la no caminho certo.

Mack imediatamente se levantou, sua voz gélida cortando o ar.

— Isto é um erro. Essa gaiata não passa de uma ameaça ambulante! Seus poderes são instáveis. Sua linhagem carrega uma maldição que já destruiu outros antes dela. Como podemos confiar que não fará o mesmo?

Rav sentiu a raiva fervendo dentro de si. Seus olhos brilharam em um verde intenso, e sem perceber, pequenas esferas de fogo esmeralda começaram a se formar em suas mãos. O ar ao seu redor vibrava, carregado de uma energia bruta que nunca sentira tão forte. Os presentes sobressaltam-se, alguns colocando a mão nos punhos de suas espadas. O medo era palpável.

O Rei Abyls, no entanto, manteve-se tranquilo.

— Acalme-se, Rav — disse com uma voz firme, mas compassiva. — Compreendo perfeitamente sua frustração. Sei da história das PoisonedOath que vieram antes de você, mas nunca ouvi falar de uma que pudesse resistir ao destino imposto.

Rav respirou fundo, fechando as mãos e dissipando o fogo. Sentia o olhar de todos sobre si, avaliando cada um de seus movimentos.

Lorde Farkas prosseguiu, ignorando o olhar desconfiado de Mack.

— Majestade, se não treinarmos Rav, estaremos a desperdiçar um recurso valioso. Precisamos de todo o poder possível contra esta ameaça crescente.

Mack bateu a mão na mesa, sua paciência estava a acabar.

— Ou queimamos essa varina antes que ela destrua o que resta do reino! Eu não serei cúmplice de uma nova calamidade!

A sala caiu em um silêncio pesado. Os olhos de Rav ardiam, mas dessa vez não de raiva, e sim de tristeza. Era isso que pensavam dela? Apenas um fardo perigoso? Foi então que o Rei Abyls se ergueu.

— Basta, Mack. Seu medo não pode nos cegar. Já tomei minha decisão.

Ele virou-se para Rav, seus olhos transmitindo confiança.

— Você será treinada. Aprenderá a dominar suas habilidades e encontrará seu próprio caminho.

Rav sentiu um nó se desfazer dentro de si. Ela não estava sozinha.

Mack, furioso, estreitou os olhos, mas não contestou. Apenas voltou a se sentar, resmungando baixinho.

Lorde Farkas sorriu levemente.

— Muito bem, então está decidido. Amanhã ao amanhecer, partimos para a Academia. A jornada de Rav começa ao nascer do sol.

Capítulo 2 - O inimigo está no meio de nós.

O corredor do castelo era frio e silencioso, iluminado apenas por algumas tochas espaçadas ao longo das paredes de pedra. O som das botas pesadas dos soldados que escoltavam Rav ecoavam a cada passo, contrastando com o leve arrastar de seus próprios pés. Seu corpo estava exausto, e sua mente, um turbilhão de pensamentos.

Quando chegaram a um quarto espaçoso, um soldado abriu a porta e fez um breve gesto para que entrasse.

— Este será seu aposento por agora. Se precisar de algo, há guardas do lado de fora.

Rav apenas assentiu e entrou. O aposento era simples, mas digno. Havia uma lareira acesa, uma cama de madeira maciça e uma escrivaninha junto à janela. Mas o que realmente capturou sua atenção foi a janela. Ela se aproximou lentamente, apoiando as mãos na moldura da janela de vidro frio.

A cidade abaixo estava em ruínas. Prédios desmoronados, ruas tomadas pelo fogo, corpos espalhados; alguns imóveis, outros se contorcendo de dores. O céu ainda carregava o rastro da escuridão invocada pela Mulher da Floresta, e trovões verdes ainda cortavam o horizonte.

Soldados lutavam para conter incêndios, carregavam feridos e erguiam barricadas para proteger os civis do que quer que ainda estivesse à espreita. Freiras passavam de um lado para o outro, cuidando dos feridos com bandagens e ervas medicinais. O choro de crianças e os gritos de dor formavam um lamento coletivo que preenchia a noite.

O peito de Rav apertou.

— Foi por minha causa...? — murmurou para si mesma.

Suas mãos, aquelas que momentos antes haviam carregado poder bruto, tremiam levemente.

— Sou eu a origem desta destruição?

Ela recuou da janela e sentou-se na cama, enterrando o rosto nas mãos. A mulher da floresta a havia chamado de herdeira, de predestinada à escuridão. Mas o Rei a via como uma guerreira da luz. Quem estava certo? Quem era ela, afinal?

O peso da dúvida e do medo esmagava seu coração. Se fosse uma ameaça, não deveria se afastar de tudo e de todos? Mas e se houvesse uma chance de ser diferente, de não seguir o caminho das Poisoned Oath que vieram antes dela?

Uma batida suave na porta interrompeu seus pensamentos. Rav ergueu o olhar e viu a porta se abrir lentamente. Uma mulher de

postura elegante, trajando vestes formais de alto escalão, entrou no quarto acompanhada por uma freira idosa. Rav reconheceu a visitante imediatamente... era Vic, uma das madames de alta patente que estivera na reunião.

–Perdoa-me pela interrupção – disse Vic com um tom sereno, aproximando-se. – Mas quis ver-te.

A Madre Freira ao seu lado fez uma breve reverência e começou a preparar os materiais para tratar das feridas de Rav. A jovem hesitou por um momento, mas acabou assentindo e deixando a freira trabalhar.

–A que devo a honra? – perguntou Rav, observando Vic com cautela.

Vic sorriu levemente, mas seus olhos carregavam um brilho indecifrável.

–Apenas quis ter certeza de que estás a recuperar. Não é sempre que se sobrevive ao confronto direto com uma entidade como a Mulher da Floresta, tu és... resistente.

Rav não respondeu de imediato. Sentiu um leve ardor quando a Madre Freira pressionou um pano húmido contra um corte em seu braço.

–O Rei confia muito em ti, pelo que vi na reunião – continuou Vic. – Mas nem todos compartilham dessa confiança.

Rav suspirou, desviando o olhar. – Eu sei. Tirando o Rei e Lorde Farkas, a maioria vê-me como uma ameaça.

Vic assentiu, sua expressão permanecendo neutra. – E tu estás surpreendida com isso? Afinal, há razões para este receio. A tua linhagem... o teu possível destino... há algo que precisas de entender sobre quem tu realmente és.

Rav estreitou os olhos. – E o que exatamente sou eu, Lady Vic? Uma maldição?

A Madre freira trocou um olhar rápido com Vic, mas permaneceu em silêncio enquanto trabalhava nas ataduras.

Vic inclinou-se levemente para a frente. – Não chamaria uma maldição..., mas uma profecia. Tu não estás destinada a ser diferente das que vieram antes.

O coração de Rav acelerou. – O que quer dizer com isso?

Vic manteve seu olhar fixo nela. – A maldição já foi lançada, Rav. E há apenas uma maneira de dissipá-la.

O quarto ficou em silêncio por um momento, apenas o crepitar da lareira preenchia o espaço. Aquelas palavras pairavam no ar como um peso sufocante.

Rav inspirou profundamente. – Você sabe de algo que não está a contar-me, certo? Vic apenas sorriu enigmaticamente. – Talvez. Mas tudo a seu tempo.

Rav apertou os punhos. – Se você realmente sabe como quebrar esta maldição, por que não diz logo?

A Madre Freira terminou de enfaixar os ferimentos de Rav e recolheu seus materiais, lançando um olhar preocupado para Vic antes de se afastar.

Vic ergueu-se – Porque algumas respostas precisam ser descobertas, não entregues. Boa noite, Rav. Cuide-se.

Sem esperar mais perguntas, ela se virou e saiu do quarto, deixando Rav com um nó na garganta e um turbilhão ainda maior de incertezas.

O efeito do calmante começou a pesar sobre Rav, e seus olhos foram se fechando lentamente. A dor de suas feridas tornou-se distante, assim como os ruídos do castelo ao redor. O mundo real dissolveu-se, e ela foi entregue a um sonho vívido, um pesadelo mais real do que qualquer um que já tivera.

Ela estava de volta ao campo de batalha. O cheiro de cinzas e sangue impregnava o ar, e as chamas devoravam a cidade ao redor. O céu estava escuro, coberto por nuvens espessas de energia negra e relâmpagos esverdeados que cortavam a noite como garras demoníacas. O chão tremia com os ecos da destruição, e o terror espalhava-se por todos os lados.

À sua frente, a Mulher da Floresta pairava no ar como uma entidade sombria. Seu rosto era envolto por sombras, e seus olhos brilhavam com um tom esverdeado ameaçador. Seus cabelos moviam-se como serpentes no vento caótico, e seu vestido parecia feito de folhas mortas e galhos retorcidos.

–Tu ainda lutas contra seu destino, pequena herdeira? – A voz da Mulher da Floresta era como um sussurro frio que penetrava até os ossos de Rav. – O Rei está morto. O teu precioso reino está condenado. Tudo isto por causa da tua teimosia.

O coração de Rav disparou ao olhar ao redor. O corpo do Rei Abyls jazia ao lado do trono, sua coroa caída sobre o chão manchado de sangue. Os Lordes estavam mortos, os soldados abatidos. As muralhas do castelo haviam ruído, e hordas de criaturas amaldiçoadas rastejavam por entre as ruínas.

"Não..." Rav balbuciou, sentindo seu corpo ser tomado por um calafrio. "*Isso não pode ser real.*"

A Mulher da Floresta riu, um som cruel e etéreo. – Real ou não, é para isto que tu nasceste. Podes continuar a fingir que és diferente, mas no fim, serás apenas mais uma PoisonedOath.

Uma fúria intensa surgiu dentro de Rav. Suas mãos começaram a brilhar com uma luz esverdeada, a mesma energia que ela temia. Mas dessa vez, algo dentro dela mudou. Não era apenas raiva ou

desespero; era algo mais forte. Uma recusa em se submeter àquela sombra.

–Eu não sou como as outras antes de mim – Rav afirmou, sua voz firme. – Eu não serei uma maldição. Eu serei a luz nesta escuridão! Seu corpo começou a se transformar. O brilho verde que antes representava sua suposta condenação tornou-se prateado, irradiando esperança. Sua armadura negra se dissipou, sendo substituída por vestes brancas cintilantes, como se fossem feitas da própria luz. Seu chicote resplandecia com energia pura, e quando ela o ergueu, o ar ao seu redor tremeu.

A Mulher da Floresta estreitou os olhos, sua expressão passou de diversão para irritação num instante. – O que é isto? O que é que tu fizeste?

Rav avançou, suas botas deixando um rastro de luz prata sobre o solo enegrecido. Com um movimento veloz, ela lançou seu chicote em direção à entidade, que tentou desviar, mas foi atingida em cheio. Um grito de dor ressoou, e por um momento, as sombras que envolviam a Mulher da Floresta pareciam se dissipar. O mundo ao redor começou a mudar. O céu negro deu lugar a um brilho crepuscular, e o cheiro de morte começou a ser substituído pelo aroma das flores silvestres. O caos retrocedia diante da nova força de Rav.

A Mulher da Floresta se contorceu no ar, seu corpo tremendo como se estivesse sendo dilacerado por dentro. – Isto... não pode ser...– sibilou, sua voz cheia de incredulidade. – Tu... mudaste o teu destino?

Rav respirou fundo, sentindo a energia fluir através dela. – Eu escolho o meu próprio caminho. E ele não será de destruição, mas de redenção. Um trovão ressoou, e o cenário inteiro estremeceu. A realidade ao redor de Rav começou a rachar como um espelho quebrado, e ela sentiu uma força a puxando de volta.

Ela abriu os olhos com um suspiro profundo. O quarto do castelo estava escuro, iluminado apenas pela luz bruxuleante da lareira. Seu coração ainda batia forte, e seu corpo estava banhado em suor frio. O sonho havia sido intenso. Mas não era apenas um pesadelo. Era um aviso. Uma revelação.

Ela não era uma PoisonedOath como as outras. Ela era algo novo. Algo que ninguém jamais havia previsto.

O sol da manhã entrava pelas janelas do castelo, iluminando suavemente o quarto onde Rav acordava. Seus músculos estavam rígidos da batalha, mas a mente ainda mais desgastada pelas revelações e pelos pesadelos que a assombraram durante a noite.

Nem sabia que conseguiria dormir tanto depois de tudo o que aconteceu.

Enquanto se levantava e começava a se preparar, seus ouvidos captaram murmúrios do lado de fora da porta. O tom baixo e conspiratório da conversa lhe deu um mau pressentimento. Aproximou-se silenciosamente da porta, inclinando-se para ouvir melhor.

— Ela já deve estar fraca e vulnerável depois do que aconteceu — sussurrou Vic, sua voz fria e calculista.

Mack suspirou, hesitante.

— Se fizermos isto da forma errada, o reino pode entrar em colapso. A ideia não é só derrubar Abyls, mas garantir que o povo nos apoie depois.

Rav prendeu a respiração. Estavam a tramar contra o Rei! E pior, pareciam querer envolvê-la de alguma maneira.

— Por isso mesmo — insistiu Vic. — Se tudo for bem orquestrado, a culpa recairá sobre ela. O povo já a teme. Se Abyls for morto sob circunstâncias suspeitas, não teremos de sujar as mãos. Ela será o bode expiatório perfeito.

Mack ponderou por um momento antes de responder.

— E quanto a Farkas? Ele é leal ao Rei. Não subestimaria a influência dele.

Vic sorriu, um tom de desdém na voz.

— Farkas pode ser leal, mas até ele precisa entender que tempos difíceis exigem medidas drásticas. Além disso, o povo respeita a força. Quando a cabeça do rei rolar, os lordes verão que não há alternativa senão apoiar a mudança.

Antes que pudessem continuar, passos firmes ecoaram pelo corredor. Um grupo de guardas se aproximava, e a voz autoritária de um dos homens anunciou:

— A Escolta de Lorde Farkas está aqui para vir buscar a Senhora Ravenna.

Vic e Mack silenciaram imediatamente. Quando a porta se abriu, Rav viu a tensão nos rostos deles. Os olhos de Vic tentaram esconder a frustração, enquanto Mack mantinha uma expressão neutra, mas as mãos entrelaçadas denunciavam seu nervosismo.

O líder da escolta olhou diretamente para Rav e fez uma breve reverência. — Senhora, Lorde Farkas aguarda sua presença no salão principal.

Vic sorriu suavemente e se virou para Rav, sua voz doce, mas carregada de falsidade. — Espero que tenhas dormido bem. Parece que vais ter um dia cheio.